

Pesquisas em História: caminhos para ampliação do repertório das fontes

Alicy de Oliveira Simas¹

Resenha recebida em 24/06/2020 e aprovada em 30/10/2020.

Para o organizador do livro, Rogério Rosa Rodrigues, é possível aproximar as reflexões de Walter Benjamin com as reflexões de Lucien Febvre, na medida em que ambos concordam que “na oficina do historiador cabe todo tipo de vestígio humano, seja ele escrito, visual, material ou de outra natureza”.^{II} Rodrigues demonstra com isso, a perspectiva de que cabe ao profissional de história iluminar os vestígios do passado que a sociedade entende como insignificantes aqueles que são silenciados e relegados ao esquecimento.

É sob essa perspectiva que o livro *Possibilidades de Pesquisa em História* fora construído. Inspirado nas propostas de *Fontes Históricas*^{III} e *O Historiador e Suas Fontes*^{IV}, também publicadas pela *Editora Contexto*, o livro demonstra as inquietações de pesquisadoras e pesquisadores sobre o fazer historiográfico, elucidando uma gama de objetos de análise que a pesquisa do campo científico da História se debruça na atualidade.

Nos dez capítulos que constroem o livro, as questões elaboradas pelos autores e autores demonstram uma emergência no campo historiográfico em lidar com o acúmulo cada vez maior de vestígios do passado, ocasionado pela “aceleração do tempo, o avanço de novas tecnologias, o consumo de bens culturais, a celebração de arquivos e memórias pessoais e institucionais”^V, bem como outras questões que assolam o tempo presente. Nessa perspectiva, o desafio para o ofício está em dar dimensão, uma profundidade ao presente, em “não sucumbir ao ritmo vertiginoso do progresso, propor uma pausa para buscar, na matéria atirada ao esquecimento, experiências, sujeitos, discursos e representações sobre o passado”.^{VI}

Rodrigues explicita que os textos publicados nesse livro seguem uma dupla demanda: a subjetiva, que diz respeito às questões levantadas pelas autoras e autores que dependem de sua curiosidade e sensibilidade; e outra demanda que é científica, em que são estabelecidos métodos e critérios de análise. Sobre isso, é preciso ressaltar ainda que a História, embora possua métodos científicos próprios, necessita de diálogos constantes com outras disciplinas. No livro em questão, tais diálogos acontecem com os campos da Antropologia, do Direito, da Sociologia, da Educação, da Literatura e da Comunicação.

O livro não se preocupa em fazer um recorte temporal e espacial, já que a questão central está em apresentar potencialidades de pesquisa que certas fontes possuem quando examinadas. Contudo, Rodrigues alerta que não se trata de um roteiro fechado, “de uma receita”, já que a pesquisa em História é guiada, sobretudo, pelas perguntas feitas às fontes.

No primeiro capítulo intitulado *Os canards e a literatura de rua na França moderna (séculos XVI e XVII)*, Silvia Liebel analisa a construção da representação do feminino nos *canards*. Publicados em um formato pequeno, para leitura popular, apresentavam elementos do sobrenatural construídos e anunciados como reais. Em diálogo constante entre História e Literatura, a autora se apropria, principalmente, das discussões feitas por Roger Chartier, sobre a história do livro e a história da leitura. Os *canards* são entendidos enquanto fonte potencial para a pesquisa histórica, uma vez que

PESQUISAS EM HISTÓRIA: CAMINHOS PARA AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO DAS FONTES

ALICY DE OLIVEIRA SIMAS

atuam como normatizadores de uma moral, em que a mulher é usada para reforçar valores associados ao cristianismo e ao controle dos corpos femininos. Apresentando limites e possibilidades da fonte, Liebel constrói sua narrativa sob a ótica das relações de gênero.

No segundo capítulo, a investigação recai sobre a tecnologia digital. Em *As fichas consulares de estrangeiros no site FamilySearch*, Bruno Leal analisa a potencialidade da documentação inscrita no site *FamilySearch*, criado em 2009 por iniciativa de mórmons da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Dentre os milhões de documentos históricos públicos do país disponibilizados, as fichas consulares de estrangeiros que entraram no Brasil entre o final dos anos 1930 e meados dos anos 1960, são privilegiadas pelo autor. Em diálogo com os estudos sobre imigração e sobre a história pública, Leal busca compreender as relações entre o passado que as fichas se referem e seus usos públicos no presente a partir do arquivo digital. O autor dispõe ainda, como proposta metodológica, as fichas consulares como “índices de pesquisa”, ou seja, como um ponto de partida para o a elaboração do problema de pesquisa. A partir disso, monta um itinerário com o intuito de apresentar ao leitor ou a leitora, as possibilidades de pesquisa no arquivo digital.

No terceiro capítulo, o organizador do livro Rogério Rosa Rodrigues elege os manuais didáticos como documentos históricos, sendo seu objeto de investigação o livro “História do Brasil: curso superior” de João Ribeiro, publicado no ano de 1900 como um manual didático para o ensino de história. Segundo o autor, ao interrogar os livros didáticos como fontes históricas, seu estatuto se modifica, passam a ser um vestígio do passado, em relação ao seu sentido primeiro, a saber, “a formação de alunos de determinado tempo e lugar”.^{VII} Já de início, aponta que seu texto caminha na perspectiva de não atrelar autor e obra, uma vez que “embora as obras tenham autoria, elas também possuem uma trajetória própria que escapa ao contexto biográfico do autor”.^{VIII} Seguindo uma trajetória própria após sua publicação, o livro é sempre apropriado e atualizado por outros. Neste caso, *História do Brasil: curso superior* foi apropriado e atualizado em diversas reedições entre 1901 e 1970. Como a proposta se dá na ampliação do debate acerca das possibilidades de pesquisa, é de seu interesse deixar explícitos os caminhos metodológicos possíveis ao utilizar edições de livros didáticos como fontes. Para isso, explora uma série de questionamentos, dentre eles o contexto social e político da emergência da fonte, o projeto de concepção do livro, o público que se destina os estudos científicos feitos anteriormente, entre outras problematizações que servirão para guiar sua análise. Portanto, Rodrigues constrói sua argumentação em diálogo, sobretudo, com Patrícia S. Hansen, Circe Bittencourt, Cristiani Bereta da Silva, entre outras pesquisadoras e pesquisadores que elegeram para investigação a figura de João Ribeiro, suas obras, ou até mesmo os estudos sobre ensino de história e livros didáticos no Brasil. Ao final, propõe um roteiro de pesquisa que parte da investigação do livro didático como fonte, mas que, de modo geral, convida os leitores e leitoras a pensar a produção do conhecimento pela operação historiográfica.

As charges aparecem como fonte no quarto capítulo. Vinícius Liebel dialoga com os estudos sobre imprensa, jornalismo e comunicação para pensar a produção de charges como uma ação política no meio em que são difundidas. Como proposta metodológica, estabelece uma série de análises que fazem parte da pesquisa, que vão desde a interpretação mais geral da imagem, até a contextualização de sua produção e publicação. Sendo assim, o autor parte da perspectiva de que as charges não são meras ilustrações, servindo também como documentos para compreender um período ou uma

PESQUISAS EM HISTÓRIA: CAMINHOS PARA AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO DAS FONTES

ALICY DE OLIVEIRA SIMAS

sociedade, já que “a orientação política de um grupo pode ser constatada pelo humor corrente em sua cultura”.^{IX} Segundo o autor, também é possível relacionar a produção de charges com a construção de memórias de um determinado grupo. Para isso, Liebel apoia-se, sobretudo, nas discussões de Michel Pollack e Maurice Halbwachs, sobre memória coletiva.

Já Fernando Salla e Viviane Borges deram atenção aos prontuários de instituições voltadas ao controle social, como prisões, manicômios e unidades de internação de menores infratores. Por serem entendidos como arquivos sensíveis, os autores elucidam algumas questões importantes no trato das fontes, como lidar com protocolos éticos, compreender o contexto dos documentos, a natureza e organização dos arquivos, e a lógica do funcionamento da instituição. Ainda, segundo os autores, os limites da pesquisa em prontuários motivam a busca por outras fontes. Sendo assim, alertam para o diálogo com outras áreas, como o Direito, para a compreensão das leis que regulamentam a criação e funcionamento dessas instituições. Amparados, sobretudo, nas análises de Michel Foucault e Arlette Farge, Salla e Borges argumentam que os prontuários são potenciais fontes para a pesquisa histórica, uma vez que possibilita maior compreensão das estratégias de poder de instituições e indivíduos, sendo possível, ainda, identificar as trajetórias, as práticas de gestão, os conflitos que emergem e as soluções atribuídas.

A pesquisadora argentina Laura Vazquez e a brasileira Conceição Pires traçam os percursos teóricos e metodológicos nos estudos sobre HQs desde 1960 na Argentina e 1980 no Brasil, com a reavaliação da História como disciplina. Trata-se, sobretudo, de examinar os HQs como documentos políticos, sociais e culturais. Segundo as autoras, a proposta é explorar as principais categorias de análises contempladas por diferentes campos de saber, bem como propor ferramentas teórico-metodológicas para a problematização da linguagem, dos sistemas de produção e modos de circulação, e das relações estabelecidas entre imagem e texto. Sobre essas relações, vale ressaltar que as autoras chamam atenção para um contrato especial entre o leitor e a obra, ressignificando constantemente uma série de símbolos e representações. Essas questões demandam do pesquisador ou pesquisadora certo domínio em conhecimentos específicos, como o linguístico e o imagético, não sendo possível pensar a pesquisa em HQs fora do diálogo com o campo da Comunicação.

Já no sétimo capítulo, Silvia Correia explora o lugar dos monumentos na historiografia, compreendidos como documentos do passado. A autora analisa os monumentos aos mortos de guerra na construção da memória da Primeira Guerra Mundial em Portugal. A partir disso, constrói esses monumentos como “lugares de memória”, em diálogo principalmente com Pierre Nora, sob a ótica de um *boom da memória* que se traduz na emergência da monumentalização no pós-guerra e, conseqüentemente, nos estudos sobre essa monumentalização exacerbada. Ainda para a autora, a fixidez material dos monumentos não serve para a pesquisa. O que serve é pensar os monumentos como lugares de memória, onde o que representam se modifica temporalmente, afastando-se, inclusive, da função e do valor simbólico que lhe foi dado ao ser concebido. Portanto, a contribuição das reflexões de Correia, imprime uma tarefa para o historiador – visto aqui como um historiador da memória –, que deve olhar para os monumentos e traduzir neles as camadas temporais e espaciais de significação, naquilo que possibilita acessar um determinado passado.

É certo que o diálogo entre História e Literatura já é bastante antigo. No Brasil, desde o século XX, são várias as pesquisas que se dedicaram a analisar as

PESQUISAS EM HISTÓRIA: CAMINHOS PARA AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO DAS FONTES

ALICY DE OLIVEIRA SIMAS

obras literárias. Como inesgotável, há sempre a possibilidade de novas fontes, de novas histórias. O que Bruno Lontra Fagundes propõe no oitavo capítulo são “novos olhares sobre antigas fontes e, com isso, novas histórias”.^X Para isso, utiliza a edição intitulada *Em memória de João Guimarães Rosa* publicada pela Editora José Olympio em 1968, em homenagem ao escritor falecido um ano antes. Pautando-se em uma perspectiva da história do livro e história das edições, além do diálogo com a semiologia, o autor se debruça sobre a literatura de Guimarães Rosa publicada em formato de livro de arte, analisando a obra pelas imagens da edição. Essa análise, segundo Fagundes, nada subtrai da importância do texto escrito em detrimento da imagem, pelo contrário, a combinação dos dois elementos se mostra de forma profícua para o campo de análise dos estudos históricos.

No penúltimo capítulo, Márcia Ramos de Oliveira e Patrícia Carla Mucelin inserem o estudo sobre fontes digitais na perspectiva da História do Tempo Presente, em que os *blogs* são compreendidos como parte da sociedade de consumo, que por sua vez é permeada pelo processo de aceleração do tempo. Estabelecendo diálogo com François Hartog, as autoras argumentam que a pesquisa em arquivos digitais, mais precisamente em blogs, são potenciais indicadores de “regimes de historicidade” de sociedades que se inserem na lógica midiática e da internet. A análise das historiadoras envolve os *blogs* como um novo formato de acervo documental, “com regularidades e referências preestabelecidas”.^{XI} Além disso, compreende-se como um espaço de memória e representação da sociedade contemporânea. Constituídas como fontes inesgotáveis para a investigação historiográfica, possibilitam o acesso à “textos escritos e falados, canções e referências musicais, imagens fixas e em movimento, organizados mediante a maior ou menor intencionalidade e recorte de autores e colecionadores”.^{XII} Para demonstrar os limites e possibilidades da fonte, as autoras dialogam constantemente com Juan Andrés Bresciano e Cristiani Bereta da Silva, a fim de estabelecer pontos de partida para a operação historiográfica. Com isso, alertam para a dificuldade em lidar com a grande massa documental dos arquivos digitais, sendo responsabilidade do historiador fazer a identificação, a manutenção e o suporte para que a análise desse material não se perca, o que demanda a necessidade de criar e disponibilizar bancos digitais, selecionar o material contido nos blogs e construir seu próprio arquivo pessoal de pesquisa.

Se até aqui, a leitura de *Possibilidades de Pesquisa em História* convida estudantes e pesquisadores a pensar o fazer historiográfico na pesquisa das fontes, Fernando Seffner fecha as discussões do livro destinando seus argumentos aos interlocutores e interlocutores do ensino, a saber, os professores e professoras de história. Sendo atuante tanto no campo da História quanto no da Educação, escreve sua narrativa no sentido de “formar um professor pesquisador, capaz de refletir sobre sua prática”.^{XIII} Mais do que os autores dos outros capítulos, Seffner explicita a sua experiência como pesquisador e professor como chave da narrativa. Sob o título *De fontes e mananciais para o ensino de História*, mais do que pensar o uso de fontes em sala de aula, o texto pressupõe entender a prática da relação ensino aprendizagem como potencial produtora de fontes. Para o autor, se os professores e professoras não converterem a sala de aula em fonte de pesquisa, se continuará vivendo uma realidade em que “políticos e gestores (e também jornalistas, psicólogos, padres, pastores, advogados, juízes, médicos e qualquer um que assim resolva) sentem-se à vontade para dar opiniões sobre como deve ser uma sala de aula, embora nunca tenham pisado seus pés nela para lecionar”.^{XIV} Mobilizando a categoria de culturas juvenis como um

PESQUISAS EM HISTÓRIA: CAMINHOS PARA AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO DAS FONTES

ALICY DE OLIVEIRA SIMAS

elemento importante para pensar as potencialidades do ensino de História, propõe problematizar cenas de sala de aula, do cotidiano na escola; deter como objeto de investigação as carteiras, as frases escritas nos banheiros, nas paredes das salas, os acessórios usados pelos alunos, a comunicação estabelecida entre eles, entre outros elementos que são partes constitutivas da cultura escolar. Da mesma forma, professores e professoras, assim como estudantes, poderiam manter registro desse cotidiano para que posteriormente sirva como fonte para si ou para outro pesquisador ou pesquisadora.

À guisa de um desfecho pode-se afirmar que na esteira da aceleração do tempo, o presente está sufocado de passados. Emerge daí a intensa demanda no campo da História para lidar com os diferentes processos que envolvem as disputas narrativas travadas no campo político, social e cultural. Nesse sentido, *Possibilidades de Pesquisa em História* reúne profissionais de diferentes universidades para pensar o ofício do historiador e o fazer historiográfico na atualidade. É importante se atentar aos diálogos teóricos e metodológicos feitos em cada capítulo, validando a produção do conhecimento histórico científico. Observa-se a preocupação em ampliar a investigação de novas fontes, mas também em lançar novos olhares para aquelas que já são entendidas como antigas. Afinal, nas entranhas do campo científico da História está a constante renovação e a revisitação. Por fim, o livro apresenta temas diversos, com recortes temporais e espaciais distintos, bem como diferentes olhares e perguntas lançadas às fontes. Percebe-se que longe de hierarquizar-las, a construção do livro demonstra mais uma tentativa de lidar com o inesgotável passado.

Notas

^I Mestra em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. e-mail: alicysimas@gmail.com

^{II} [RODRIGUES, Rogério Rosa \(Org\)](#). Introdução. In: RODRIGUES, Rogério Rosa (Org.). *Possibilidades de Pesquisa em História*. São Paulo: Contexto, 2017. V.1. p. 07-10. p. 08

^{III} PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, 302p.

^{IV} PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, 333 p.

^V [RODRIGUES, Rogério Rosa \(Org\)](#). Introdução. In: Op. cit., p. 08.

^{VI} *Ibidem*.

^{VII} RODRIGUES, Rogério Rosa. *Manuais didáticos*. In: *Ibid.*, p. 55.

^{VIII} *Ibid.*, p. 56.

^{IX} LIEBEL, Vinícius. *Charges*. In: *Ibid.*, p. 98.

^X FAGUNDES, Bruna Lontra. *Tempo histórico e trocas entre artes na literatura de João Guimarães Rosa*. In: *Ibid.*, p. 194.

^{XI} OLIVEIRA, Márcia Ramos de; MUCELIN, Patrícia Carla. *Os blogs sob o olhar do historiador*. In: *Ibid.*, p. 233.

^{XII} *Ibidem*.

^{XIII} SEFFNER, Fernando. *De fontes e mananciais para o ensino de História*. In: *Ibid.*, p. 255.

^{XIV} *Ibid.*, p. 256.

Referência

RODRIGUES, Rogério Rosa (Org.). ***Possibilidades de Pesquisa em História***. São Paulo: Contexto, 2017. V.1. 272 p.

**PESQUISAS EM HISTÓRIA: CAMINHOS PARA AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO
DAS FONTES**
ALICY DE OLIVEIRA SIMAS

ANEXO I – Imagem da capa do livro resenhado

